

NINA VIRGINIA DE ARAÚJO LEITE*
Especial para o JU

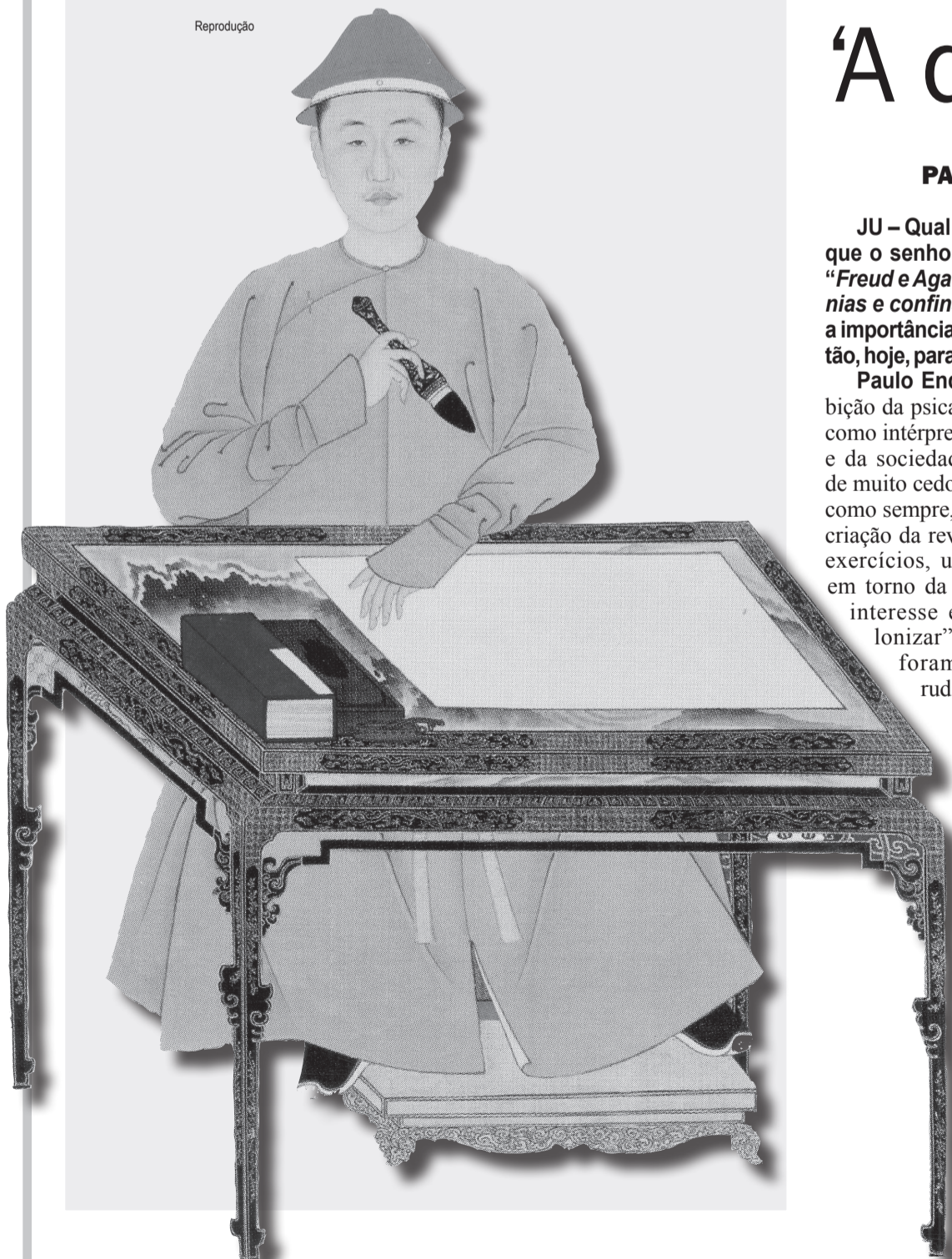
O grupo de pesquisa SEMASOMa, atualmente vinculado ao centro de pesquisa Outrarte – estudos entre arte e psicanálise do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, promoverá nos próximos dias 3, 4 e 5 de novembro mais um encontro em que estarão reunidos pesquisadores, professores, alunos de graduação e de pós-graduação de diversas instituições de ensino superior do Brasil para discutir o tema “De um discurso sem palavras”. O tema é especialmente caro aos estudiosos da linguagem e de suas articulações com campos variados do saber, como é o caso da psicanálise, sociologia, antropologia, linguística, filosofia, artes e literatura. O evento, que ocorre no IEL, está organizado de modo a oferecer amplas oportunidades para debate e discussão do complexo tema escolhido, em mesas-redondas, oficinas, comunicações e conferências e está aberto a todos os interessados.

**X Jornada
Corpolinguagem
e III Encontro
Outrarte
reúnem
intelectuais
entre os dias
3 e 5 no IEL**

Além de constituir-se em um encontro a mais na série iniciada em 2000, o evento deste ano retoma, por vias singulares, temas de algum modo debatidos em anos anteriores, especialmente “Gestos e Afetos” e “entreAto”, configurando nova oportunidade para avançar na discussão das questões de interesse para os membros do Outrarte. A continuidade dos encontros e o forte interesse que tem despertado entre os alunos de graduação e de pós-graduação vêm testemunhar um modo de presença da psicanálise na universidade que convoca a todos os interessados no campo aberto por Freud a refletir criticamente sobre a não exterioridade constitutiva dos estudos na área.

A seguir, J. Guillermo Milán-Ramos entrevista os professores, Luis Behares (Universidad de la República, Montevideo), Paulo Endo (USP) e Cláudia de Lemos (IEL- Unicamp), que será protagonista no dia 4 do “encontro marcado”, no qual será debatido seu percurso na ciência e na psicanálise. Os docentes falam sobre sua participação no evento e analisam a importância da psicanálise nos dias de hoje.

Reprodução



Retrato do imperador chinês K'anghi-hi (1662-1722) que ilustra a capa do seminário 18, de Jacques Lacan, “De um discurso que não fosse semblante”, um dos focos de interesse do evento

De um discu

‘Como não escutar o que v

J. GUILLERMO MILÁN-RAMOS**
Especial para o JU

CLÁUDIA DE LEMOS

Jornal da Unicamp – Na condição de coordenadora do Centro de Pesquisa Outrarte, organizadora deste evento, como a senhora o contextualiza no quadro de uma reflexão abrangente sobre a sociedade contemporânea?

Cláudia de Lemos – A X Jornada Corpolinguagem e o III Encontro Outrarte têm sua relevância indicada tanto pelo neologismo Outrarte que dá nome ao centro quanto pelo tema do evento “De um discurso sem palavras”. Psicanálise e arte, entendidas como

estando em conjunção e em disjunção na palavra Outrarte, são campos que interrogam o conhecimento científico, a tecnologia que dele decorre e, em particular, suas consequências na sociedade contemporânea. Uma sociedade que, por não querer saber do que Freud chamou de “O mal-estar na civilização”, se deixa consumir pela lógica do mercado de consumo. Essa interrogação se atualiza no tema do evento: em “discurso” ressoa tudo o que Jacques Lacan pensou e formalizou sobre como o discurso do psicanalista põe radicalmente em questão o discurso da ciência e o discurso da universidade. “Um discurso sem palavras” aponta, entre outras coisas, para o discurso como estrutura independente da significação

que aparentemente lhe dá conteúdo.

JU – Como a senhora compreende a presença da psicanálise na universidade?

Cláudia de Lemos – A importância da presença da psicanálise na universidade tem a ver com essa interrogação, ou melhor, com a função que Lacan definiu como a de “suspender as certezas, consumir as miragens” que um saber que visa à totalização almeja. A noção de inconsciente, desde Freud, implica e faz valer essa suspensão. O interesse que muitos dos alunos do IEL e de outros institutos mostram pela psicanálise diz algo sobre como o que escapa ao conhecimento e tende a ficar encoberto pelo discurso científico

‘Por uma relação de saber

LUIS BEHARES

JU – Nesta jornada, ao longo de dois dias, o senhor vai oferecer a oficina “Discurso ensinante, verdade e ‘consequências obscuras’”. Qual é a direção da reflexão que o senhor vai propor? Qual é a importância de formular essa questão, hoje, para o campo do ensino?

Luis Behares – A nossa oficina é o produto de diversas indagações, minhas e de Adrian Villalba, Ana María Fernández, Gabriela Costardi e Marianella Lorenzo. Essas indagações provêm de trabalhos de pesquisa e reflexão bastantes presentes hoje nos âmbitos da teoria do ensino. Trata-se da questão referida ao ensi-

no, principalmente o chamado “ensino superior”, que não é identificável imediatamente com todo e qualquer ensino feito na universidade. O ensino superior supõe o encontro com o conhecimento sob a forma que este tem na ciência ou em outros campos de pensamento, e traz para a universidade a questão do saber, no que este tem de possibilidade ou impossibilidade de verdade. O ensino universitário o inclui junto com outras variedades de transmissão de conhecimentos, geralmente caracterizadas pela propensão ao utilitário, à formação profissionalista, à venda de objetos-ensinos “oportunos”, vale dizer, as várias confusões que circulam nos territórios mais aplicados e “extensionistas”, e assim por diante.

Entre o saber que se apresenta “fudado” perante a apreensão do real – em jargão lacaniano, um saber “não-todo” – e o conhecimento que se sustenta e ganha consistência a partir de nosso campo representativo há, por assim dizer, uma tensão, um conflito, e isto é uma questão própria da teoria do ensino. É nela que é possível dizer alguma coisa que nos afaste da tendência ao psicologismo, que tem substituído essa discussão pela teoria dos aprendizados. Em tanto “discurso”, o ensino só pode produzir “consequências obscuras”...

JU – Isso nos coloca perante a questão da relevância do lugar da teoria psicanalítica no pensamento contemporâneo...

‘A desburocratização do sab

PAULO ENDO

JU – Qual é a direção da reflexão que o senhor vai propor na oficina “Freud e Agamben: tiranias, soberanias e confins da memória”? Qual é a importância de formular essa questão, hoje, para o campo psicanalítico?

Paulo Endo – Na verdade, a ambição da psicanálise em posicionar-se como intérprete da cultura, da política e da sociedade esteve presente desde muito cedo, como sabemos. Freud, como sempre, foi o maior exemplo. A criação da revista *Imago*, os primeiros exercícios, um tanto estapafúrdios, em torno da psicanálise aplicada, o interesse extemporâneo de “colonizar” outras áreas do saber foram os primeiros passos rudimentares nessa direção. Podemos lembrar in-

clusive de alguns membros do grupo freudiano em torno de Otto Fenichel que já pensavam em constituir um grupo de psicanalistas políticos em busca de um certo engajamento da psicanálise, coerente com os interesses do próprio Fenichel. É uma história um tanto irregular essa, mas ainda está para ser feita, ou seja a história da presença, no cenário psicanalítico desde Freud, em diversos países, de psicanalistas com uma posição e reflexão políticas inequívocas e o impacto disso na teoria e no movimento psicanalítico em seus respectivos países.

Voltando a Freud, creio que o *turning point* freudiano foi, em minha opinião, o trabalho realizado no artigo *Totem e Tabu* (1913). Nesse trabalho extraordinário estão condensadas algumas das discussões e problemas fundamentais em relação ao debate sempre tenso entre psicanálise e política. Aliás, o próprio Freud afirmou que os dois textos mais importantes de sua obra eram *A interpretação dos sonhos* e *Totem e Tabu*. As hipóteses e problemas levantados em *Totem e Tabu* atravessam trabalhos centrais da obra freudiana e posteriores a ele – como *O Futuro de uma ilusão* (1927), *O Mal-estar na cultura* (1930), *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), chegando até *Moisés e o Monoteísmo* (1939) – e chegando até nossos dias nos trabalhos de teóricos sociais como Zigmunt Bauman, René Girard, Judith Butler, Ernesto Laclau, Žižek, Norbert Elias, de certo modo, e Agamben, por exemplo.

Alguns teóricos sociais e políticos contemporâneos têm refletido com a psicanálise e particularmente com esse

texto. Agamben é um deles. Procurarei examinar brevemente alguns dos desdobramentos desse pensar político com a psicanálise em pontos específicos da obra de Giorgio Agamben; procurarei fazer isso em torno de alguns conceitos liminares como soberania e memória. O objetivo, portanto, é bem modesto.

JU – Isso nos coloca diante da questão da relevância da psicanálise na sociedade contemporânea.

Paulo Endo – A relevância é incontestável. Além da consolidação da clínica psicanalítica como instrumento potente, radical e único de compreensão psíquica e a apropriação pelo sujeito psíquico dessa compreensão, que supõe seu próprio descentramento, a psicanálise é hoje parte do conhecimento fundamental se quisermos compreender fenômenos extremos engendrados social e politicamente.

Em alguns círculos de pesquisadores sociais e teóricos políticos, Freud e Lacan são autores do mesmo calibre de Marx, Weber, Benjamin. Claro que quando digo consolidação não estou falando de predominância ou hegemonia da psicanálise onde quer que seja. O que, do meu ponto de vista, evidencia o caráter estrangeiro da psicanálise, desde Freud, é próprio um estrangeiro. Não creio que faria bem à psicanálise ocupar um lugar hegemônico, seja em que sentido for.

JU – Como o senhor vê a presença da psicanálise na universidade?

Paulo Endo – Eu penso, e posso atestar isso, que a universidade no Brasil – e em alguns outros países –

Curso sem palavras

'...vinha da psicanálise?'

incomoda e pede para ser escutado.

JU – No IEL/ Unicamp, a senhora desenvolveu seu trabalho na área de aquisição da linguagem. Como a sra. qualifica a sua experiência de produzir o contato, o entrelaçamento, digamos assim, entre essa área e a psicanálise?

Cláudia de Lemos – Meu encontro com a fala da criança, que foi um impulso para o doutorado, foi, na verdade, um choque, um encontro. O que a área da Aquisição de Linguagem, no domínio da Linguística, me oferecia era uma visão da criança como sujeito do conhecimento diante da língua/linguagem como objeto a ser apreendido, aprendizagem e/ou desenvolvimento vistos como regulados

pela complexidade atribuída por teorias linguísticas às estruturas da língua. O que encontrei na fala da criança foram fragmentos – restos? – do discurso materno a ela dirigido, ou melhor, uma fala que opunha total resistência à sua descrição por teorias linguísticas.

Enfim, insisto em dizer que foi com uma criança falada pelo Outro que me deparei. Com uma criança que, para se tomar como falante, tinha que recalcar tanto a voz da mãe quanto a cena instaurada pelo discurso materno. Não se tratava, para a criança, de adquirir a linguagem, mas de ser capturada por ela. Contudo, foi minha análise pessoal que me colocou diante do fracasso de minhas várias tentativas de interpretar falas de crianças a partir da Linguística e

da Psicologia. Mais ainda: diante do não-saber e, particularmente, do não-saber sobre a origem que solapa as tentativas de surpreender na criança o que explicaria o humano, mas que está na origem do próprio desejo de saber. Diante desse fracasso e desse sujeito-efeito de linguagem que essas falas deixavam entrever, como não escutar o que vinha da Psicanálise?

Cláudia Thereza Guimarães de Lemos é psicanalista, doutora pelo Department of Linguistics – University of Edinburgh (1975) e professora voluntária da Unicamp. Coordena o Centro de Pesquisa Outrarte (IEL-Unicamp). Tem experiência na área de linguística, com ênfase na aquisição da linguagem, tratada de um ponto de vista que inclui a psicanálise.



Fotos: Divulgação

'...sujeita à deriva do simbólico'

Luis Behares – Sem dúvida, porque essa discussão só se faz evidente ao reformular as noções de sujeito, de saber e de verdade, tão *reduzidas* durante o século passado pelo cognitivismo e a didática instrumentalista. É nesse espaço que a teoria psicanalítica, principalmente na sua configuração lacaniana, vem a produzir seus efeitos. O sujeito do ensino e o sujeito da ciência não podem mais ser pensados como os emissores de representações rematadas, que incorporam o real como coisa da linguagem na plenitude do sentido. A lógica e a epistemologia já pensaram algumas alternativas de reconceitualização, mas estas nos levam às aporias próprias do saber cognitivamente definido.

O importante parece ser a elaboração de uma relação de saber sujeita à deriva do simbólico, que faz desse sujeito um efeito do discurso da ciência, na sua tarefa impossível de produzir sentido e verdade. A psicanálise encontra aqui a teoria do ensino, principalmente – como já reconheceu Lacan – na dimensão do “desejo do ensinante” na linguagem, ponto que evoca a tradição estoico-agostinhana dessa teoria. Porém, a sua questão visava “o pensamento contemporâneo”... Sem cair no relativismo frívolo que o apelo ao tópico da “impossibilidade do saber” costuma potencializar, a nossa discussão tem a relevância das discussões que estão na base desse pensamento contemporâneo, referidas novamente as possibi-

lidades do saber e de sua transmissão.

JU – Como o senhor entende a presença da psicanálise na universidade?

Luis Behares – Esta pergunta é confusa... Trata-se da relação da psicanálise, na sua possibilidade de se parecer com um “movimento”, com as instituições ou atores universitários? Trata-se da velha e corriqueira pergunta pela possibilidade de inclusão da transmissão ou do ensino da psicanálise nos âmbitos curriculares universitários? No que me diz respeito, eu não acharia muito interesse nessas questões. Eu acho que pode ser muito mais interessante pensar no que a psicanálise viria a ser capaz de dizer sobre a discussão essencial à universidade contemporânea. Ela está neste momento

atravessando diversas crises, porém a que toca na sua essencialidade é a que põe em interdito a sua relação com o saber. E é por aí que a teoria psicanalítica tem bastante a lhe dizer e a lhe interrogar.

Luis E. Behares é diretor do Departamento de Psicología de la Educación (Instituto de Educación, FHCE, Universidad de la República, Montevideo). Coordenador da linha de investigação “Estudio de lo didáctico como acontecimiento discursivo e intersubjetividad”. É autor, entre outros, dos livros Didáctica Mínima (Montevideo, Psicolibros, 2004) e de Saber y Terror de la Enseñanza (Montevideo, Psicolibros, 2010). Coordena o Programa Políticas Educativas do NEPI/AUGM (Associação de Universidades Grupo-Montevideo).



'...per passa por uma desobediência intelectual'

tornou-se um lugar muito potente para o pensamento psicanalítico de maneira geral. É nela que acontecem alguns formidáveis debates transdisciplinares, inflexões teóricas fundadas em profundo e largo estudo dos saberes envolvidos, o que supõe reconhecer uma tradição de pensamento diversa da psicanálise, e um reconhecimento da tradição do pensamento psicanalítico por saberes diversos dela. A realização de determinados diálogos entre saberes seria impensável fora da universidade, talvez o próprio Outrarte seja uma prova disso. No que tange à minha área de pesquisa especificamente, que envolve o diálogo entre a teoria psicanalítica e a teoria social e política contemporânea diante de certos problemas liminares, não vejo lugar mais adequado para desenvolvê-lo senão na universidade.

Entretanto, a clínica psicanalítica sofre na universidade. Mesmo quando ela existe, não podemos dizer que ela responde ao que garantiria um trabalho psicanalítico *stricto sensu*. Ela sofre adaptações, algumas lesivas para a prática psicanalítica em função das injunções burocrático-acadêmicas. Daí a tensão necessária entre a psicanálise na universidade e a psicanálise das associações, escolas e institutos de psicanálise. Não acho de nenhum modo salutar, uma oposição dicotômica entre os psicanalistas na universidade e os psicanalistas filiados a instituições psicanalíticas. Porém é preciso reconhecer que a psicanálise hoje depende do que acontece e se produz em cada um desses lugares.

senhor participou ativamente da “Semana contra a anistia aos torturadores”, realizada no Instituto de Psicologia da USP. Como entender a articulação entre psicanálise e direitos humanos? Qual é o lugar que ocupa a psicanálise num evento dessa natureza?

Paulo Endo – Quando falamos em universalização do conhecimento, isso supõe uma formação mais erudita por parte dos pesquisadores e intelectuais ligados às humanidades. Essa formação, necessariamente, passa pelo debate entre áreas distintas a fim de checar sua consistência e conduzir o debate transdisciplinar a um patamar elevado teoricamente, sem o que tudo não passa de um castelo de cartas. Há várias estratégias para isso. Eu particularmente prefiro aquela que permite agregar diversos pesquisadores em torno de um tema que seria incapturável não fosse numa atmosfera transdisciplinar. Essa captura é, como sabemos, fugidia e dinâmica, mas a produção de conhecimento entre saberes também tem de ser.

A desburocratização do saber, em minha opinião, passa por uma desobediência intelectual, necessária ao debate entre saberes e disciplinas. Aprendi no Cebrap que o fundamental não é a migração de pesquisadores de determinadas áreas para outras, a transformação de x em y, o que seria uma tolice, mas a formação transdisciplinar. O aspecto formativo do intelectual é que é fundamental e frutífero.

De modo mais específico ainda procuro desenvolver esse diálogo formativo e erudito entre pesquisadores ligados a uma temática comum que, no

meu caso, são os sistemas violentos e as experiências liminares produzidas por esses sistemas, o que me move frequentemente para o campo dos direitos humanos, da antropologia urbana e da teoria e da filosofia política. Curiosamente esse debate surge de preocupações que envolvem ação política e estratégias de enfrentamento como é o caso dos exterminios de populações vulneráveis, torturas e violência urbana. Embora meu ponto de partida seja sempre a psicanálise, é natural que se torne visível determinadas limitações da psicanálise, bem como a psicanálise evidencia limitações em certas interpretações e análises sobre tais fenômenos. Esse debate é perpetuamente formativo e são poucos os lugares que podem sustentá-lo em bom nível.

O campo dos direitos humanos reúne hoje uma imensidão de pesquisadores, intelectuais, ativistas em todo o mundo. Sua abrangência é enorme e seu raio de ação extraordinariamente vasto. Porém, o que tem despertado meu interesse tem sido a reunião, regular ou eventual, de intelectuais e pesquisadores em torno de alguns temas fundamentais dos direitos humanos como fundamento na consolidação das democracias.

Não raro a psicanálise é convocada a opinar e mesmo a aderir organicamente em alguns desses processos, o que é perfeitamente natural, já que em todos os países em que a democracia foi aviltada a psicanálise, com ela, também o foi.



***Nina V. de Araújo Leite é psicanalista, linguista e professora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. É membro da Escola de Psicanálise de Campinas e autora do livro Psicanálise e análise de discurso: o acontecimento na estrutura (Campo Matêmico, 1994). Coordena o grupo SEMASOMA e é fundadora do Centro de Pesquisa OUTRARTE (IEL-Unicamp).**

**** J. Guillermo Milán-Ramos é pós-doutorando em linguística no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-Unicamp) e membro do centro de pesquisa Outrarte.**

Paulo Endo é psicanalista, professor do Instituto de Psicologia da USP e pós-doutorado Cebrap/Capes. Membro do Laboratório de Psicanálise, Arte e Política e do GT “Psicanálise: Política e Cultura”. Expert junto ao Centro pela Justiça e o Direito Internacional e membro do “Grupo de combate à tortura e à violência institucional” da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República.